

# ASPECTO DA EVOLUÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

*O Dia – 26 de janeiro de 1938.*

O sr. Tristão de Athayde, com o brilhantismo que é peculiar ao seu espírito, publicou há pouco uma sinopse da evolução da crítica literária no Brasil.

A literatura de um país é, para o sr. Tristão de Athayde, uma resultante de obras, autores e movimentos. “E pela crítica é que estes últimos adquirem consistência, integram-se na tradição de um povo, agem e reagem sobre movimentos universais ou extra-literários”.

Esquece o nosso grande escritor dois pontos de maior relevância: a crítica possui função social e é além de tudo obra de pura interpretação.

Dizer que tão-somente há crítica quando os motivos literários a isso obrigam é desmentir a independência de observação e análise da inteligência humana. A própria obra do sr. Tristão de Athayde é de autêntica criação, até mesmo apresenta aspectos de vibrante inovação literária. O seu “Affonso Arinos” é um tipo novo que nos revela, é um verdadeiro ensaio de reconstrução de uma individualidade. A série de estudos não mostra tão pouco só a agudez do crítico, mas o pensador que afirma as suas idéias, ensina o que julga sua verdade, aponta caminhos como homem que sabe para onde vai e onde quer chegar. O crítico, quando faz questão cerrada de ser somente crítico, cai naquela literatura intolerável de Silvio Romero. Não acredito que alguém que viva às boas com a literatura possa aceitar o

“Machado de Assis” de Silvio Romero como real análise da obra do magnífico autor de “Dom Casmurro”.

Silvio Romero foi sempre um erudito. Nas grandes obras de erudição, como a sua **História**, é que melhor deixou marcada sua extraordinária personalidade de homem de pensamento.

Essa chamada reciprocidade entre a crítica e a obra de criação não existe. Em França, sabemos de momentos maravilhosos, momentos de verdadeira exaltação intelectual e artística, em que a crítica nada influiu por não existir.

Flaubert, logo após a publicação de “Madame Bovary”, foi tão atacado, viu o seu trabalho tão surrado pelos registradores de obras novas que mal o leram, que sentiu a utilidade quase social de uma crítica informadora capaz e orientada. No entanto, Flaubert viveu quiçá o momento mais admirável da inteligência francesa.

De outros instantes sabemos em que a própria literatura é só a crítica. De obras de criação insignificantes dando vantagem ao exame de homens e de idéias.

Penso que o sr. Tristão de Athayde teve em mira evidenciar um possível papel para as atividades críticas. Isto porque, afirmar que a criação precede a crítica é quase dizer, quando a história demonstra o contrário, que não havendo crítica é porque não há obras de criação ou que, não havendo obras de criação, a crítica deixa de existir. Ora, o argumento, como vemos, por si já não agüenta. Não é a crítica que realiza uma literatura nem esta que traduz aquela. Vemos através do tempo homens que só muito após conseguem o prêmio dos seus trabalhos intelectuais. A incompreensão sempre fez parte da história da inteligência. Ao tempo de Montaigne, por exemplo, escasseavam obras de criação, sem que, no entanto, o sutil escritor de “Ensaaios” abandonasse a notável **verve** de crítico que tanto o celebrizou.

Entre nós é que o fenômeno então se apresenta mais desconexo. Em toda nossa rápida história, poucos são os críticos na exata expressão da palavra. Alencar até hoje ainda não teve o interpretador que merece. Tobias tem sido atacado e defendido sem resultado algum de útil para a crítica. Farias Brito – tratando-se dos homens de pensamento – a não ser no rápido ensaio do sr. Tristão de Athayde

ou na ligeira página que sobre ele escreveu o sr. Tasso da Silveira, ainda procura um espírito que o compreenda, um analista verdadeiro de sua vida e de suas idéias. Fazendo um parêntese, é por notar que quase toda a nossa literatura biográfica é uma confusão de casos e de datas.

Fernandes Pinheiro, Sotero dos Reis ou Pereira da Silva não são os críticos que procura revelar o sr. Tristão de Athayde. Simples anotadores, registradores de qualidades ou defeitos de linguagem. A falta de orientação ou de mais amplos conhecimentos de literatura comparada impediu que um escritor como Fernandes Pinheiro pudessem com vantagem se dedicar à crítica. Pereira da Silva foi um homem dos opacos registros literários. Sotero dos Reis apenas um bibliófilo que pouco fez pelas letras.

Reais tendências para o espírito crítico, medido e pesado, sereno e justo, nós vamos encontrar em Araripe Junior e José Veríssimo. Veríssimo deixou-se dominar muito pelo mesmo **registro em forma** de Pinheiro ou Sotero. Em coisas de literatura estrangeira, Araripe foi um notável. “Ibsen”, podemos dizer que é uma das maiores obras de interpretação crítica que já se publicou sobre o genial dramaturgo de “Casa de Boneca”.

Entre os mais modernos, não é possível esquecer Ronald de Carvalho. Não que Ronald tenha querido ser um crítico de profissão. O poeta de “Toda a América” foi um dominado por estesias puras, um esteta, um humanista. Fez boa crítica como fez boa poesia. Tinha como pendor do seu espírito inclinação para os grandes vôos da inteligência.

Nestor Victor merece evidência como divulgador do simbolismo. A sua reação ao naturalismo crítico em favor do subjetivismo literário foi para nós um grande avanço no domínio do espírito.

O próprio Tristão de Athayde, falando dos mais modernos, define a atividade dos mesmos como uma **reação do bom gosto**.

Agripino Grieco e Octávio Tarquínio de Souza, José Geraldo Vieira, Mucio Leão, Plínio Barreto e Tasso da Silveira, atualmente, na imprensa, realizam a crítica, sob maneiras diferentes.

Agripino é o homem que deixa de ser crítico por não o querer ser. É um dominado de excessos de humor. Demasiadamente combativo. Muito justo mas pouco sereno. Por isso mesmo, bastante perigoso, contundente até.

Não sei se podemos chamar de crítico ao sr. Tarquinio de Souza. Em vezes, ajuíza com brilhantismo. Em outras, é um repórter que vem contar o que leu sem muita certeza das conclusões a tirar. Assim também os srs. Plínio Barreto e José Geraldo Vieira. Os srs. Tasso e Mucio Leão, para quem costuma ler os suplementos do “Jornal do Brasil” ou da “Nação”, são registradores costumazes, repetidores de idéias de livros e autores, sem com isso querermos tirar o grande mérito que possuem de finos observadores, inteligentes e perspicazes, capazes de grandes e profundos avanços, como por exemplo, Tasso no seu trabalho inconfundível sobre Romain Roland.

Entre outros que vão ficando está o sr. Octávio de Faria. Toda sua obra possui um agudo sentido crítico. E também a sra. Lúcia Miguel Pereira, cujo ensaio “Machado de Assis” é um tratado de observações aproveitáveis.